

A SABEDORIA TRÁGICA DIONISÍACA

Ivan Maia de Mello

Mestrando em Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Professor da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública

Endereço Eletrônico: <mailto:corpoema@ig.com.br>, <mailto:ivanmaia@hotmail.com>

Resumo:

Esse texto apresenta a noção de sabedoria trágica desenvolvida por Nietzsche ao longo de sua obra relacionando-a à visão dionisíaca do mundo expressa em *O nascimento da tragédia*, assim como à selvagem sabedoria de Zarathustra, expressa de modo poético-dramático em *Assim falou Zarathustra*, a qual está intimamente ligada ao pensamento do eterno retorno, e finalmente, ao *amor fati* nietzschiano e seu imperativo pindárico para tornar-se o que se é, apresentados no *Ecce homo* como formulações do supremo pensamento afirmativo que caracteriza a sabedoria trágica dionisíaca.

Abstract:

This text presents the notion of tragic wisdom developed by Nietzsche through his works, making the relation with the dionysian vision of the world as expressed in *The burning of tragedy*, also related to the wild wisdom of Zarathustra, expressed in a poetic-dramatic way in *Thus spoke Zarathustra*, which is connected to the thought of the eternal return, and finally discussing the relation with the nietzschian's *amor fati* and its pindaric imperative to become what one is, presented in *Ecce homo* as formulations of the supreme affirmative thought that is in itself the dionysian tragic wisdom.

Palavras-chave: afirmação – trágico – dionisíaco .

A SABEDORIA TRÁGICA DIONISÍACA

Ivan Maia de Mello-UERJ/EBMSP

A suprema afirmação da vida em seu vir a ser é expressa por Nietzsche no *Crepúsculo dos Ídolos* e, conclusivamente, em sua autobiografia *Ecce homo* como a formulação de uma sabedoria trágica dionisíaca, que afirma corajosamente até mesmo o sofrimento e tudo o que é estranho e questionável na existência, seus problemas mais duros, as maiores dificuldades. Esta afirmação se dá a partir de uma perspectiva nascida da abundância de vida e aceita a realidade da existência na mesma medida em que sua força ousa conhecer a verdade. É uma afirmação que se alegra com a própria inesgotabilidade das forças vitais de sua vontade para ser em si mesma o “eterno prazer do vir a ser”.

A sabedoria trágica é então apresentada por Nietzsche – que nisso reivindica ser pioneiro – como a transposição do dionisíaco num *pathos* filosófico. Entretanto,

Nietzsche reconhece em Heráclito um precursor quanto ao que considera decisivo numa filosofia trágica: a afirmação do vir a ser e a concepção do eterno retorno.

Esta afirmação é entendida por Nietzsche de modo ativo como aquilo que impulsiona na direção do prazer de que se faça o devir enquanto força plasmadora e dissolutora.

O caráter dissolutor do devir é pensado por Nietzsche já no *Nascimento da tragédia* através da metáfora do abismo que esconde o pessimismo terrível do sábio Sileno, que sabe ser o sofrimento inerente à condição humana. A arte é pensada então como transfiguração simbolizadora em beleza apolínea que esconde o abismal sofrimento humano. Diz Nietzsche: “Temos pois nesse quadro que se oferece aos nossos olhos, incomparavelmente simbolizados por meio da arte, o mundo da beleza apolínea, e o abismo que ele oculta, a sabedoria terrível de Sileno”.¹

A sabedoria trágica dionisíaca aparece então como uma afirmação da realidade da vida capaz de conhecê-la e aceitá-la em seu sofrimento, que é transfigurado pela arte a qual lhe dá beleza e medida. Como diz Nietzsche, ao expor a condição existencial do homem grego: “toda a sua existência, com tal beleza e medida, estava sobre o abismo escondido do sofrimento e do conhecimento, e o espírito dionisíaco vinha agora mostrar-lhe o fundo do abismo”².

Nietzsche apresenta então o arauto da sabedoria e da arte dionisíacas através da figura do sátiro do seguinte modo: “Assim vai nascendo esta figura tão fantástica e a princípio tão estranha, do sátiro cheio de entusiasmo e ao mesmo tempo de sabedoria (...) imagem da natureza e dos seus instintos mais poderosos, sim, símbolo desta natureza e ao mesmo tempo arauto da sua sabedoria e da sua arte: músico, poeta, dançarino, visionário numa só pessoa”³.

A sabedoria trágica dionisíaca concebida no *Nascimento da tragédia*, enquanto conjugação de impulsos apolíneos e dionisíacos, foi então considerada por Nietzsche como “uma concepção incomparavelmente mais profunda e mais séria dos problemas éticos e estéticos, concepção que com toda a segurança podemos definir por ‘sabedoria dionisíaca’ expressa em idéias”⁴. Ele concebe essa sabedoria a partir da caracterização do impulso dionisíaco como a matriz de onde nasceu a arte trágica. Diz ele: “o instinto dionisíaco, com a sua alegria primordial até mesmo perante a dor, é a matriz comum de onde nasceram tanto a música como o mito trágico”⁵.

A concepção da sabedoria trágica dionisíaca nessa obra aproxima-se do pensamento do eterno retorno na medida em que pensa o valor de uma pessoa ou de um povo pela capacidade de eternizar os momentos de sua vida, como diz Nietzsche: “E o valor de um povo – como, aliás, o de um homem – mede-se precisamente por esta só faculdade de poder imprimir o selo da eternidade nos acontecimentos de sua existência”⁶.

À medida que o alegre impulso dionisíaco supera a dor do abismal sofrimento humano criando a arte trágica, ele é avaliado em sua potência de eternização dos momentos. O conhecimento da realidade do sofrimento humano que o espírito dionisíaco tornou possível é transmutado em criação artística e afirmado como transfiguração entusiasmada da profunda dor inerente à condição humana, a dor de saber-se mortal, sofredor, transitório.

O impulso de eternização dos acontecimentos da existência que era para Nietzsche, já no Nascimento da Tragédia, o critério de valor mais decisivo, gera um nexos com a concepção da sabedoria trágica dionisíaca presente em sua última obra, a qual formula o pensamento do eterno retorno de modo independente da estética metafísica de sua primeira obra. Em sua formulação final, a afirmação da existência em seu devir já não se faz unicamente como transfiguração artística e portanto a vida já não depende de uma justificação estética, mas é criada como uma obra de arte, encontrando nesta apenas uma metáfora para inspirar sua autopoiesis.

Essa mudança de perspectiva já se mostra em *Gaia ciência* quando Nietzsche disse: “precisamos aprender com os artistas e, no demais, sermos mais sábios que eles. Pois entre eles essa força sutil que lhes é própria cessa geralmente onde termina a arte e começa a vida; nós, entretanto, nós queremos ser os poetas de nossa vida e isso diante das pequenas coisas do cotidiano” 7.

Vê-se, portanto, que se opera em Nietzsche uma ampliação do sentido trágico, da criação artística para a criação do próprio modo de vida como uma obra de arte, um poema. A visão trágica da vida é apresentada nessa obra como a que se desenvolve a partir de uma abundância de vitalidade e torna possível uma arte dionisíaca, constituindo ainda o supremo critério de valor desta, numa avaliação fisiológica da arte, como expressa Nietzsche: “existem dois tipos de sofrendores, aqueles que sofrem de superabundância de vida, que desejam uma arte dionisíaca e também uma visão trágica da vida interior e exterior e a seguir aqueles que sofrem de apauperamento vital”, e indica seu critério de apreciação estética: “Quanto a todas as valorações estéticas, sirvo-me agora desta distinção capital, pergunto em cada caso: “a fome ou a abundância o criaram?” 8.

Em *Assim falou Zaratustra*, a sabedoria trágica dionisíaca é pensada por Nietzsche como uma selvagem sabedoria que oferece uma imagem da vida muito próxima de como ela se mostra, embora Zaratustra afirme que, do fundo do seu ser, seu amor dirige-se propriamente à vida e à sabedoria apenas quando ela fala da vida. Diz ele:

“E, quando conversei a sós com a minha selvagem sabedoria, disse-me esta, zangada: “Tu queres, desejas, amas; e somente por isso louvas a vida! Isso leva Zaratustra a comentar sua relação com a sabedoria e com a vida dizendo: Do fundo do meu ser, amo somente a vida [...] Que, porém, eu seja condescendente com a sabedoria, e muitas vezes condescendente demais: isto provém de que ela me lembra demasiado a vida! [...] Tem-se sede dela e não se fica saciado, olha-se para ela através de véus [...] mutável, é ela, e voluntariosa” 9.

A sabedoria trágica dionisíaca apresenta-se então como uma sabedoria selvagem porque é animada pelos impulsos dionisíacos; mutável, porque afirma o devir; voluntariosa pois sabe que é só por querer que ama a vida, esta à qual Zaratustra atribuiu a vontade de potência como característica principal por ter sempre que superar a si mesma. Olha-se para a sabedoria através dos véus da arte trágica, com sua aparência apolínea, e vê-se que ela “lembra demasiado a vida”.

Assim, a sabedoria trágica dionisíaca pode ser considerada como a que conduz a criar a própria vida como uma obra de arte trágica. E Nietzsche vai ainda mais longe na afirmação da íntima relação entre a vida e a sabedoria quando escreve em *O outro canto*

de dança – no qual Zaratustra aparece como quem acompanha a vida em sua dança desenfreada, seguindo-lhe as menores pegadas – o que a vida diz a Zaratustra sobre sua sabedoria: “Se algum dia a tua sabedoria te abandonasse, ah, então, logo te abandonaria, também, o meu amor” 10. Aqui se evidencia que, nessa íntima ligação entre a sabedoria trágica dionisíaca e a vida, a vida ama apenas aquele que com sua sabedoria ama a vida.

Para entendermos melhor em que constitui este sentimento trágico de amor à vida, devemos considerar o exposto no *Crepúsculo dos ídolos* e reproduzido no *Ecce homo*, onde se encontra a formulação definitiva de sua sabedoria trágica dionisíaca.

No *Crepúsculo dos ídolos*, Nietzsche escreve: “A psicologia do orgasmo enquanto uma psicologia de um sentimento de vida e de força transbordante, no interior do qual mesmo o sofrimento atua enquanto um estimulante, me deu a chave para o conceito do sentimento trágico” 11.

Isso significa que a partir de uma abundância de forças vitais se encara até mesmo o sofrimento como um estimulante que desafia o ser humano em seu processo vital de auto-superação criadora da existência enquanto modo próprio de viver.

Eis porque, em seguida, Nietzsche chamou então dionisíaco “O dizer-sim à vida mesma ainda em seus problemas mais estranhos e mais duros; a vontade de vida tornando-se alegre de sua própria inesgotabilidade”, pois ele considera que a vontade que move o impulso trágico dionisíaco é o de “ser por si mesmo o eterno prazer do vir a ser”.

Isto também se apresenta num dos fragmentos póstumos em que Nietzsche diz: “Com o nome de Dionisos é batizado o devir entendido de um modo ativo, em empatia subjetiva”. Este impulso dionisíaco é pensado como uma tendência que “empurra na direção do devir, do prazer de que se faça o devir, isto é, do construir e do destruir”. O impulso apolíneo, por outro lado, é pensado assim: “com o nome ‘apolíneo’ passa a ser designada a comovida fixação diante de um mundo inventado e sonhado, diante do mundo da bela aparência como uma salvação frente ao devir”, ou ainda como uma tendência que “quer eterna a aparição”. A arte trágica, definida então como sendo “rica em ambas as experiências, passa a ser caracterizada como conjunção e reconciliação entre Apolo e Dionisos” 12.

Por isso, no *Ecce homo*, Nietzsche considerou-se pioneiro na formulação dessa sabedoria trágica dionisíaca, o que expressou dizendo: “Antes de mim, não há essa transposição do dionisíaco num *pathos* filosófico: falta a sabedoria trágica” 13.

Assim, pode-se considerar a sabedoria trágica dionisíaca como um *pathos* filosófico afirmativo, que Nietzsche caracterizou como o “*pathos* afirmativo *par excellence*” ou “*pathos* trágico”.

Isto coincide com a apresentação que Nietzsche faz do pensamento do eterno retorno no *Ecce homo* como “a mais elevada forma de afirmação que se pode em absoluto alcançar” 14. Esta consideração se encontra em meio ao comentário que faz ao *Assim falou Zaratustra*, a respeito do qual ele diz: “Meu conceito de ‘dionisíaco’ tornou-se ali ato supremo” 15. Em seguida ele diz ser Zaratustra o “mais afirmativo dos espíritos” em quem “todos os opostos se fundem numa nova unidade” e que “se sente como a forma suprema de tudo o que é”. E acrescenta ainda uma descrição de Zaratustra como uma

figuração de Dionisos: “Zaratustra é um dançarino -: como aquele que tem a mais dura e terrível percepção da realidade, que pensou o ‘mais abismal pensamento’, não encontra nisso objeção alguma ao existir, sequer ao seu eterno retorno – antes uma razão a mais para ser ele mesmo o eterno Sim a todas as coisas, ‘o imenso ilimitado Sim e Amém” 16.

A sabedoria trágica dionisíaca, como expressão da vontade que afirma a vida em seu vir a ser, encontra no imperativo que o poeta Píndaro estabeleceu – o “tornar-se o que se é” – o sentido maior de seu impulso trágico de autocriação. Isto se evidencia no comentário que Nietzsche faz no *Ecce homo* ao significado do subtítulo do livro. Diz ele: “com isso, toco na obra máxima da arte da preservação de si mesmo – do amor de si [...] Que alguém se torne o que é pressupõe que não suspeite sequer remotamente o que é. Desse ponto de vista possuem sentido e valor próprios até os desacertos da vida, os momentâneos desvios e vias secundárias” 17.

Isso conduz a uma compreensão da sabedoria trágica dionisíaca em sintonia com a fórmula do *amor fati* nietzschiano, a qual é descrita assim no *Ecce homo* : “Minha fórmula para a grandeza no homem é *amor fati* : nada querer diferente, seja para trás, seja para a frente, seja em toda eternidade. Não apenas suportar o necessário [...] mas amá-lo” .

1) NIETZSCHE, F. *A origem da tragédia* . São Paulo: Moraes Ed, pág. 34.

2) Idem, pág. 35.

3) Idem, pág. 58.

4) Idem, pág. 123.

5) Idem, pág. 149.

6) Idem, pág. 144.

7) NIETZSCHE, F. *Gaia ciência* . São Paulo: Hemus, pag. 195.

8) Idem, pag. 266.

9) NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Círculo do Livro, pag.122.

10) Idem, pag. 232.

11) NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos ídolos* . Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, pag. 117-118.

12) NIETZSCHE, F. *Fragmentos finais* . Brasília: Ed. UnB, 2002, pag. 144.

13) NIETZSCHE, F. *Ecce homo* . São Paulo: Companhia das Letras, 1995, pág.64.

14) Idem, pág. 83.

15) Idem, pag. 88.

16) Idem, pag. 90.

17) Idem, pag. 48.

Idem, pag. 51.